

DEMOCRACIA, REDES SOCIAIS E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL***DEMOCRACIA, REDES SOCIALES E INTELIGENCIA ARTIFICIAL******DEMOCRACY, SOCIAL MEDIA, AND ARTIFICIAL INTELLIGENCE***

Luís Gustavo Mello Grohmann¹
e-mail: lgmgrohmann@gmail.com



Fábio HOFFMANN²
e-mail: molahms@gmail.com

Como referenciar este artigo:

GROHMANN, L. G. M.; HOFFMANN, F. Democracia, redes sociais e inteligência artificial. **Rev. Cadernos de Campo**, Araraquara, v. 25, n. esp. 1, e025002. e-ISSN: 2359-2419. DOI: 10.47284/cdc.v25iesp1.20480



| Submetido em: 07/07/2025

| Aprovado em: 28/07/2025

| Publicado em: 12/09/2025

Editores: Prof. Dra. Maria Teresa Miceli Kerbauy
Prof. Me. Paulo José de Carvalho Moura
Prof. Me. Luana Estela Di Pires
Prof. Me. Lucas Barbosa de Santana
Prof. Me. Maurício Miotti

¹ Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Foi Diretor do Centro Internacional de Governo (CEGOV) e é pesquisador do World Values Survey (WVS).

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). É pesquisador associado ao Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura (CLAEC) e pesquisador da World Values Survey Brasil (WVS).

RESUMO: Democracia também é comunicação. Aqueles que agem e atuam em regimes democráticos precisam se comunicar. Houve uma longa trajetória histórica, desde os discursos proferidos na Ágora grega ou no Senado romano, passando pela Era Moderna e seus jornais impressos, rádio, televisão, até o início do século XXI, com suas redes sociais digitais e inteligência artificial (IA), período em que ocorreu uma ampliação considerável na criação, no fluxo e no acesso à informação. Atualmente, um dos dilemas centrais na política é a capacidade das pessoas de selecionar suas fontes de acordo com a integridade na transformação dos fatos em conteúdos jornalísticos ou científicos. A ascensão das redes sociais vem transformando rapidamente a comunicação política, alterando lógicas de conflito e modificando o comportamento dos atores e das instituições. Uma nova cultura informacional vem ganhando preponderância nas democracias contemporâneas, desconstruindo e deixando para trás a lógica do fluxo tradicional de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Democracia. Redes sociais. Inteligência artificial.

RESUMEN: La democracia también es comunicación. Quienes actúan y trabajan en regímenes democráticos necesitan comunicarse. Ha habido una larga trayectoria histórica, desde los discursos pronunciados en el Ágora griega o en el Senado romano, pasando por la Era Moderna y sus periódicos impresos, la radio, la televisión y el comienzo del siglo XXI, con sus redes sociales digitales y la inteligencia artificial (IA), en la que se ha producido una ampliación considerable en la creación, el flujo y el acceso a la información. Actualmente, uno de los dilemas centrales de la política es la capacidad de las personas para seleccionar sus fuentes de acuerdo con la integridad de la transformación de los hechos en contenidos periodísticos o científicos. El auge de las redes sociales está transformando rápidamente la comunicación política, alterando las lógicas de conflicto y modificando el comportamiento de los actores y las instituciones. Una nueva cultura informacional está ganando preponderancia en las democracias contemporáneas, deconstruyendo y dejando atrás la lógica del flujo tradicional de comunicación.

PALABRAS CLAVE: Democracia. Redes sociales. Inteligencia artificial.

ABSTRACT: Democracy is also communication. Those who act and operate in democratic regimes need to communicate. There has been a long historical trajectory, from the speeches delivered in the Greek Agora or the Roman Senate, through to the Modern Era and its printed newspapers, radio, television, and the beginning of the 21st century, with its digital social networks and artificial intelligence (AI), in which there has been a considerable expansion in the creation, flow, and access to information. Currently, one of the central dilemmas in politics is the ability of people to select their sources according to the integrity of the transformation of facts into journalistic or scientific content. The rise of social media has rapidly transformed political communication, altering the logic of conflict and modifying the behavior of actors and institutions. A new information culture is gaining prominence in contemporary democracies, deconstructing and leaving behind the logic of traditional communication flows.

KEYWORDS: Democracy. Social media. Artificial intelligence.



Introdução

Democracia também é comunicação. Aqueles que agem e atuam em regimes democráticos precisam se comunicar. Houve uma longa trajetória histórica, desde os discursos proferidos na Ágora grega ou no Senado romano, passando pela Era Moderna e seus jornais impressos, rádio, televisão, até o início do século XXI, com suas redes sociais digitais e inteligência artificial (IA), período em que ocorreu uma ampliação considerável na criação, no fluxo e no acesso à informação. Atualmente, um dos dilemas centrais na política é a capacidade das pessoas de selecionar suas fontes de acordo com a integridade na transformação dos fatos em conteúdos jornalísticos ou científicos.

Em 2016, por exemplo, a palavra “pós-verdade” foi escolhida como a palavra do ano pelo Dicionário Oxford. A razão é simples: naquele ano, ações concentradas de *fake news*, disseminadas principalmente através das redes sociais, impactaram de forma decisiva o plebiscito pela saída do Reino Unido da União Europeia, contribuindo para a vitória do Brexit. As lições de 2016 ainda seriam replicadas naquele mesmo ano nas eleições norte-americanas, com a vitória do republicano Donald Trump, e em 2018, com a vitória de Jair Bolsonaro, então no Partido Social Liberal, no Brasil.

A ascensão das redes sociais vem transformando rapidamente a comunicação política, alterando lógicas de conflito e modificando o comportamento dos atores e das instituições. Uma nova cultura informacional vem ganhando preponderância nas democracias contemporâneas, desconstruindo e deixando para trás a lógica do fluxo tradicional de comunicação. E se os desafios já eram crescentes para as democracias liberais com a transformação provocada pela circulação da informação através das novas ferramentas das redes sociais digitais, com os impactos das *fake news* e o excesso de informação, eles agora se tornam substanciais com o emprego crescente da IA.

Segundo Allen e Weyl (2024), a IA Generativa traz dois importantes desafios à democracia: o primeiro se deve ao fato de que as constelações institucionais foram criadas, em tese, para representar os cidadãos, nos quais estes poderiam formar um “mercado” de ideias, o que agora, com a criação generativa da IA, pode acabar embaralhando este mercado e prejudicar a capacidade cognitiva das pessoas de apreenderem o mundo político; o segundo diz respeito à concentração de poder econômico e, consequentemente, político que as empresas de ponta de IA podem promover.



Outro grande desafio da IA para as democracias está na modelagem que proporciona a desinformação. Kreps, McCain e Brundage (2022) realizaram três experimentos com textos gerados pela IA e chegaram à conclusão de que os indivíduos são incapazes de distinguir um texto gerado pela IA de um feito pela mente humana, que o partidarismo impacta diretamente a credibilidade do que é produzido, havendo, portanto, pouca mudança nas opiniões; ou seja, a IA pode reforçar ainda mais o efeito “bolha” que as redes sociais propulsionaram.

Nesse sentido, e de acordo com Thompson (2011), é difícil conceber um processo de comunicação sem uma mínima coerência nos canais de produção, transmissão, recepção e realimentação acerca do produto ofertado. Quando se aborda o fenômeno político, o objeto é ainda mais complexo, pois se está falando da presença de elementos simbólicos constituídos e ressignificados ao longo do tempo em sociedades culturalmente tão diversas quanto complexas. As aflições, aspirações e esperanças presentes no imaginário coletivo, determinadas e demandadas pela sociedade, constituem-se no bem mais precioso a ser tangenciado por uma comunicação política eficaz em uma democracia.

Desde o surgimento do rádio e o roubo do protagonismo pela televisão na segunda metade do século XX, nenhuma outra transformação tem impactado de forma tão decisiva o processo de comunicação política quanto as redes sociais digitais — e agora a IA. Diferentemente dos canais tradicionais, por onde fluía uma narrativa política coerente, histórias a serem contadas com finais felizes ou tristes, toques dramáticos e até humorísticos, os engajamentos nas novas mídias são atraídos exatamente pelo oposto: imediatismo, incoerência, confusão e agressividade, um tipo de comunicação que agencia o excesso, embaralhando a informação e atuando na divisão polarizadora.

Com o poder cada vez maior da cadeia de algoritmos, somos muitas vezes levados ao acesso de conteúdos que não eram objeto inicial de interesse. Isso se deve, segundo Deibert (2020), ao modelo de negócios das grandes empresas, que fornecem tais ferramentas de busca e entretenimento nas redes sociais, mas que, na verdade, estão em busca de mais dados privados e informações individualizadas otimizadas. Uma transformação que a IA, em seu alvorecer, apenas começa a desbravar e promete transformar toda a lógica de produção e circulação da informação.

O capitalismo de intensa vigilância e acumulação de dados, que as grandes empresas de mídias sociais vêm dirigindo, tem transformado a cultura informacional e impactado diretamente a democracia. Grandes batalhas têm ocorrido na tentativa dos Estados de regular e dar maior transparência à chamada “caixa preta” dos algoritmos; todavia, enquanto essa disputa



de poder permanecer indefinida, muito provavelmente continuaremos a ver a ascensão de lideranças extremistas, com discursos xenófobos e antissistêmicos. Este não é um bom momento para a democracia, que vê ondas de autocratização ocorrerem, inclusive, dentro de democracias consolidadas.

Os artigos que compõem este dossier abordam essa temática sob diferentes lentes: teórica, empírica e metodologicamente. Ao lançarem mão de investigações sobre fenômenos ainda em processo de desenvolvimento, as autoras e os autores trazem uma inestimável contribuição para esta agenda de pesquisas, jogando luz sobre problemáticas contemporâneas, apontando caminhos explicativos e ajudando, portanto, a moldá-la.

O artigo de Débora de Oliveira Santos e Bianca Ferreira de Andrade enfrenta a questão dos impactos das *fake news* sobre a democracia brasileira, destacando como a desinformação afeta atitudes políticas e a confiança nas instituições. Utilizando dados do World Values Survey (WVS), da pesquisa “A Cara da Democracia” e de grupos focais, as autoras identificam que a desconfiança nos meios de comunicação tradicionais e o uso de redes sociais, como Facebook e WhatsApp, estão associados à disseminação de notícias falsas. As correlações trazidas pela pesquisa revelam direções importantes para entender o fenômeno das *fake news* em um universo cada vez mais digitalizado, por onde circulam as informações, o que afeta diretamente a democracia.

André Sampaio Furlani analisa o documentário *Dossiê Urnas Eletrônicas*, produzido pela Brasil Paralelo, como uma teoria conspiratória que promove desconfiança no sistema eleitoral brasileiro. Lançando mão de uma metodologia de análise de enquadramento, o estudo identifica dois frames principais: “(in)confiabilidade técnica” e “(anti)democracia”, destacando como a produtora seleciona, omite e salienta informações para construir uma narrativa alinhada ao bolsonarismo. O documentário distorce argumentos técnicos críticos às urnas eletrônicas ao omitir fatos e contextos importantes, sugerindo fraudes e criando uma atmosfera conspiratória por meio de recursos audiovisuais e estratégias de pós-verdade, como elos causais ocultos e a polarização entre “amigos” e “inimigos”.

José Manuel Mussunda da Silva analisa o papel dos memes políticos, especialmente o slogan “Vão Gostar”, durante as eleições angolanas de 2022, destacando sua influência na mobilização digital e na construção de narrativas eleitorais. Utilizando uma abordagem qualitativa, o estudo examina como esses memes adaptaram o discurso político ao ambiente digital, tornando-o mais acessível, principalmente para os jovens, e questionando estruturas políticas estabelecidas. O meme “Vão Gostar” emergiu como uma ferramenta de crítica social



e engajamento, mas também foi associado a discursos de ódio e desinformação. Ao contribuir para o debate sobre comunicação política na era digital, a pesquisa revela ainda os desafios que tais transformações trazem para contextos autoritários.

Amâncio de Oliveira, Romeu Mesquita e Rodrigo Lyra investigam o impacto da IA na diplomacia e sua integração nos ecossistemas globais de inovação, destacando a tensão entre cooperação e competição internacional. Os autores analisam como a IA transforma a prática diplomática, otimizando funções tradicionais e criando novas dinâmicas, tudo isso enquanto países como EUA, União Europeia e China competem pela supremacia tecnológica e regulatória. Discute-se também a Diplomacia Científica e a Inovação como ferramentas para promover cooperação internacional, políticas públicas baseadas em evidências e governança equilibrada. Ao trazer a IA como uma fronteira tecnológica crucial, os desafios éticos, de segurança e de regulamentação são abordados, sem deixar de propor estratégias que capacitem diplomatas e tomadores de decisão.

O artigo de Eder Van Pelt investiga a relação entre democracia e ambiente digital, analisando como as tecnologias da informação impactam a participação política e a formação do “sujeito digital”. Utilizando revisão bibliográfica qualitativa e teóricos como Castells, Bauman e Haraway, o estudo discute a necessidade de regulamentação jurídica para proteger direitos civis na era digital, como privacidade e autodeterminação. Aborda ainda a influência dos algoritmos na modulação comportamental e os riscos de discriminação e de controle por parte de grandes corporações. A análise propõe a democratização dos códigos tecnológicos e a criação de diretrizes jurídicas para fortalecer a democracia contemporânea, equilibrando inovação e governança para enfrentar as novas realidades digitais.

Icaro Araujo Juriti explora a relação com o Outro no ambiente digital, argumentando que as dinâmicas das redes sociais, influenciadas pela lógica de mercado, promovem a alienação e a coisificação do Outro. O autor compara essa dinâmica aos museus etnográficos e aos zoológicos humanos do século XIX, destacando a desumanização e a perda da alteridade. A Internet, embora potencialize encontros, reduz o Outro a representações superficiais, favorece câmaras de eco e incentiva o bloqueio de discordâncias. Juriti critica a superficialidade das relações digitais, mediadas por algoritmos e interesses comerciais, que aprofundam o estranhamento e a alienação, argumentando que, enquanto a lógica capitalista dominar o espaço digital, as relações permanecerão fragilizadas, aproximando-se de um “zoológico humano” contemporâneo.



Somos gratos aos pesquisadores e pesquisadoras que contribuíram para o dossiê, e à *Cadernos de Campo*, por proporcionar este valioso espaço, por onde periodicamente têm circulado importantes investigações.

Desejamos uma boa leitura!



REFERÊNCIAS

ALLEN, D.; WEYL, G. The real dangers of generative AI. **Journal of Democracy**, v. 35, n. 1, p. 147-162, 2024. Disponível em: <https://www.journalofdemocracy.org/articles/the-real-dangers-of-generative-ai/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

DEIBERT, R. J. **Reset**: reclaiming the internet for civil society. Toronto: House of Anansi Press, 2020.

KREPS, S.; McCAIN, R. M.; BRUNDAGE, M. All the news that's fit to fabricate: AI-Generated text as a tool of media misinformation. **Journal of Experimental Political Science**, v. 9, n. 1, p. 104-117, 2022. DOI: 10.1017/XPS.2020.37. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-experimental-political-science/article/abs/all-the-news-thats-fit-to-fabricate-aigenerated-text-as-a-tool-of-media-misinformation/40F27F0661B839FA47375F538C19FA59>. Acesso em: 15 jan. 2025.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2011.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

